

NOMENCLATURA POPULAR DADA AOS ÓRGÃOS SEXUAIS À LUZ DO COGNITIVISMO

Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ)
freitasp.letras@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisa-se a nomenclatura popular dada aos órgãos que compõem as áreas erógenas do corpo humano em duas piadas previamente selecionadas, cujo vocabulário estimado pelo povo se presta para ativar a referência à vulva e ao pênis. Para tanto, serão usadas como aparato teórico as formulações da teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e a teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Apesar da ausência de uma citação direta à terminologia oficial, infere-se, pelo contexto, que se trata de uma referência popular aos órgãos sobreditos. Portanto, pretende-se demonstrar o processo de mesclagem envolvido no acesso a tais conceitos no gênero piada.

Palavras-chave: Mesclagem conceptual. Metáfora Conceptual. Órgãos Sexuais. Piada

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo uma análise da nomenclatura popular e metafórica dada aos órgãos que compõem as áreas erógenas do corpo humano, limitando-se, neste momento, aos nomes referentes à vulva e ao pênis. O principal incentivo para um estudo dessa natureza se deu por meio da observação da grande quantidade de nomes que designam metaforicamente os órgãos em questão. Acredita-se que a imaginação envolvida no processo de criação de tais nomes esteja em consonância com o que Johnson (1987) afirma ser a base que fundamenta todo significado advindo das experiências, sem a qual nada no mundo teria alguma significação.

É possível encontrar diversas listas disponibilizadas na internet que expõem uma quantidade superior a 500 nomes, não apenas dos órgãos aqui tratados, mas também daqueles concernentes ao ânus, aos testículos e aos seios. Inicialmente, tivemos o embate de situar o cenário no qual aqueles itens pudessem ser utilizados, uma vez que tais listas se tratavam de um rol de palavras soltas, descontextualizadas e separadas por órgão. Para o quadro teórico desta pesquisa, a linguística cognitiva, o objeto de análise deve revelar as circunstâncias nas quais aquele determina-

do item se insere. Deve-se pensar, antes de qualquer coisa, que, para a linguística cognitiva, o significado linguístico emerge das experiências corpóreas do falante a partir da constante interação com o meio em que ele vive. Portanto, tornou-se imprescindível haver um contexto em que esses nomes fossem usados.

Nossa preocupação foi, então, escolher qual material utilizar nessa conjuntura inserida no âmbito do tabuísmo, em que, para quaisquer situações, quer sejam em discursos orais, impressos ou multimodais, as palavras possivelmente seriam vistas como inapropriadas e inauditas – ainda que para os linguistas, essa questão já esteja plenamente resolvida. Dentre as possibilidades aventadas, as palavras poderiam estar em *sites*, *blogs* e vídeos de pornografia, em contos eróticos, quadrinhos, charges e piadas que fossem de cunho sexual. Diversas palavras extraídas das listas foram encontradas em quase todos esses sítios via ferramenta Google.

A resolução pela utilização de piadas ocorreu por conta dos aspectos criativos da mente humana na formação e no entendimento de uma piada, já evidenciados pelas teorias nas quais esta análise irá se debruçar, e também por conta dos inúmeros casos em que não há menção direta à terminologia oficial, fazendo com que o leitor infira, pelo processamento de domínios cognitivos, que a referência se trata de um nome popular dado ao órgão. Assim, como apontado anteriormente, teremos como aparato investigativo para esta análise a teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KOVECSES, 2010) e a teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Deve-se salientar o fato de que as piadas demandam determinado gatilho de rotinas cognitivas para que possa ocorrer o seu entendimento efetivo. Quando essas palavras são inseridas em outro contexto, como, por exemplo, o das piadas, há o acionamento desses gatilhos. Pretende-se demonstrar o processo de mesclagem envolvido na criação dos vocábulos selecionados quando inseridos em piadas de cunho sexual.

2. A integração conceptual (ou mesclagem)

A integração conceptual é um processo cognitivo que lida diretamente com a imaginação. Apesar de parecer uma coisa simples, sua automaticidade ocorre de forma implícita, sem que o falante se dê conta do complexo de relações que ocorre no seu sistema conceptual. Trata-se de

“uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos signos” (FERRARI, 2011, p.120).

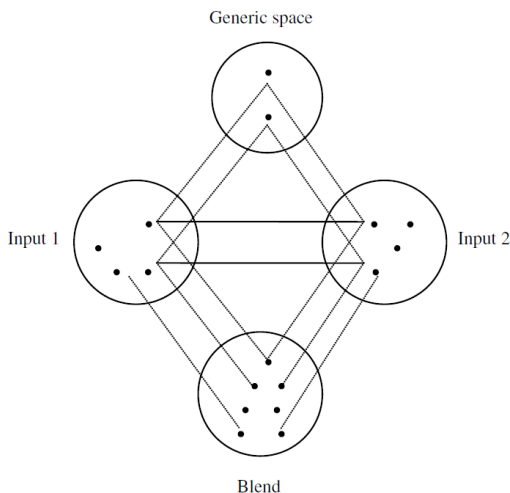
Esse processo imaginativo, renegado pelas abordagens filosóficas ocidentais especialmente no que tange à racionalidade, foi inserido no quadro teórico da razão de forma a romper com a guinada objetivista precedente que, segundo Johnson (1987), ofuscou a admissão do lado imaginativo nos pressupostos teóricos dos estudos sobre a cognição.

Assim, ao inseri-lo, postula-se que, por meio dessa faculdade da imagem e representação mental, a mesclagem é possível devido ao processamento de três operações cognitivas que mantêm uma relação mútua: (a) o reconhecimento de *Identities*, em que se incluem suas equivalências e oposições, (b) a *Integração*, que é o novo sentido dado a essas identidades e (c) a *Imaginação*, sem a qual os eventos anteriores não conseguem se constituir, e que é responsável pela ativação do cenário mental das crenças e dos eventos em que se inclui a contrafactualidade.

Deve-se ressaltar que há uma relação muito próxima da teoria da integração conceptual com as teorias dos espaços mentais e da metáfora conceptual, havendo, inclusive, certo consenso de que a teoria da integração conceptual é vista como uma extensão da teoria dos espaços mentais e como uma sustentação mais eficaz da teoria da metáfora conceptual (EVANS; GREEN, 2006, p. 421). Apesar dos pontos de convergência, que são muitos, a arquitetura da mesclagem se individualiza das anteriores quando postula um complexo processo de integração entre estruturas na construção do significado, sendo isso o que *origina algo maior do que a soma das duas partes (ibidem)*. Trata-se de uma execução mental que remete a uma operação geral e básica da cognição, o sustentáculo de como pensam os humanos.

Além disso, Fauconnier esclarece, em uma entrevista oportuna, que a peculiaridade na estrutura da teoria da mesclagem aponta para “a capacidade de agrupar diversos espaços mentais e, a partir desse agrupamento, criar novos espaços mentais que possuem uma estrutura emergente” (COSCARELLI, 2005, p. 292). Espaços mentais de diferentes domínios podem ser introduzidos mesmo que sejam conflitantes entre eles, caracterizando o que ficou conhecido como “integração de duplo espoco”. Essa capacidade de integração, da qual apenas humanos são contemplados, está presente desde o pensamento mais básico até o mais complexo, uma vez que a forma para o raciocínio imaginativo ocorre da mesma maneira.

Partindo para a teoria, Fauconnier e Turner (2002) esquematizam uma rede de espaços mentais que se entrecruzam, sendo possível perceber a relação entre as diferentes esferas do conhecimento e a consequente integração dos conceitos na formação de um novo signo. Sua organização é composta estruturalmente por pelo menos quatro espaços que projetam seletivamente seus elementos constitutivos, como pode ser visto a seguir:



Extraído de Evans & Green, 2006, p. 405

- 1- *Espaço genérico* – é o espaço base, cuja estrutura abstrata aponta o que os *inputs* têm em comum. Além disso, é o espaço responsável por deixar disponível todo o processamento da rede;
- 2- *Espaços de entrada* – trata-se dos *inputs* 1 e 2 (podendo haver mais) e seus elementos parcialmente projetados (as contrapartes);
- 3- *Espaço mescla* – local para onde vão as projeções seletivas dos *inputs* 1 e 2. Nem todos os elementos são projetados para este espaço.
- 4- *Estrutura emergente* (mescla) – estrutura cuja formação expõe uma característica própria, que a distingue dos *inputs* anteriores, mas que, ao mesmo tempo, carrega heranças visíveis das projeções que a precederam.

Percebe-se que um dos aspectos fundamentais da mescla é sua dinamicidade. Essa peculiaridade constitutiva sugere que todos os espaços

mentais se modificam conforme vão ocorrendo o pensamento e a fala do indivíduo. A necessidade de mapeamentos e novas projeções são processos que viabilizam a conceptualização. Sendo assim, a formação de uma rede, tal como proposta pelos autores, facilita o trajeto mental percorrido até determinado ponto da significação, expresso naquele contexto e naquela necessidade comunicativa. Ela também permite a disponibilidade de acesso aos mapeamentos realizados sempre que se fizer necessário, pois da mesma forma em que o significado não reside na forma linguística, ele também não se constitui em um espaço mental específico. Todos os espaços contribuem para a integração.

Por conta desses fatores, o foco na originalidade advinda da imaginação não é uma coisa à toa. Embora a mescla seja um empreendimento inédito, a base que sustenta a sua formação são os conhecimentos armazenados por meio da experiência, tais como os MCIs e *frames*. Uma vez formada, ela pode servir de *input* para outras redes de integração conceptual.

Pelo exposto, considerando-se as integrações utilizadas no cotidiano, percebe-se que domínios de conhecimento, inclusive domínios de diferentes matizes, podem se integrar em função da criação de novos significados, conservando sempre alguma herança dos *inputs* originários, como será tratado por esta pesquisa.

3. *Piadas numa visão cognitiva*

Esta seção destina-se a uma breve análise dos nomes dados popularmente aos órgãos sexuais concernentes à vulva e ao pênis. Duas piadas foram selecionadas via ferramenta *Google*. O endereço para um possível acesso encontra-se disponível nos rodapés das páginas. Optamos por piadas que não fizessem menção direta aos órgãos a partir da terminologia técnica. Os títulos foram preservados. Porém, para que não haja a necessidade de repeti-los na análise, eles serão referenciados por letras maiúsculas.

3.1. A Aranha – Joãozinho⁸⁵

Um dia, Joãozinho pediu pra tomar banho com a mãe e aí a mãe tirou a roupa e Joãozinho olhou assustado para ela e perguntou:

– Nossa, mãe, o que é isso no meio da sua perna?

A mãe nervosa respondeu:

– É a aranha da mamãe.

No outro dia a mãe tinha se depilado e Joãozinho perguntou:

– Cadê a sua aranha mamãe?

– Fugiu Joãozinho

Então Joãozinho foi pra escola, mas a sua professora foi sem calcinha. Quando Joãozinho foi pegar o seu lápis no chão, viu e falou agarrando:

– Dá a aranha da mamãe!

A piada (A) põe em evidência o órgão genital feminino por meio de um tipo de animal, e não por sua denominação técnica. Com base na nossa cultura, sabe-se que tal referência por meio do nome “aranha” se presta para designar a vulva em determinados contextos, tais qual o da piada selecionada. Esse fato nos leva a questionar o que conduz a conceptualização de termos utilizados em domínios tão distintos a um único enquadramento e de forma criativa.

Na tentativa de fornecer uma possível resposta de acordo com dos pressupostos da linguística cognitiva, buscaremos explorar o caminho percorrido mentalmente em que o acionamento do conhecimento armazenado na memória de trabalho é requerido. Além disso, há pistas circunstanciais na piada que sinalizam a referência com a qual iremos discutir, em termos de integração, que são as partes do corpo humano citadas. Sendo assim, há pelo menos dois aspectos de cunho experiencial que delineiam esse entendimento, que são: (A) a localização do órgão em questão e (B) a sua condição aparente, isto é, se ele está com pelos ou não.

Sendo assim, no momento em que Joãozinho pergunta o que a mãe portava no meio de suas pernas, não é difícil inferir que seja o seu

⁸⁵ Disponível em: <http://www.sergeicartoons.com/a_aranha_32837.htm>.

órgão genital. O principal mecanismo para a dedução do que isso se trata advém da compreensão prévia da anatomia do corpo humano, já que o leitor sabe o que uma pessoa porta entre as pernas: sua genitália. Ademais, a depilação da mãe e a falta dela são os fatores que levam o menino a supor que a ‘aranha’ desaparecida havia sido encontrada entre as pernas da professora – o que também nos leva a perceber que o atributo “pelo”, bem como a sua ausência, são estados comprimidos no animal em questão. Ainda que o texto não aponte explicitamente o local da depilação, a ausência de uma calcinha (indumentária usualmente voltada para o público feminino) por parte da professora torna-se o gatilho para a descoberta da localização da ‘aranha’, que está entre as suas pernas. Pode-se, então, concluir do que se trata a ‘aranha’ citada: do órgão sexual feminino.

Mesmo com todas as pistas contextuais e experienciais em relação ao corpo, ainda permanece a reflexão: Quais aspectos ligam uma aranha a um órgão sexual feminino?

O esquema a seguir, tal como proposto por Fauconnier e Turner, demonstra o trajeto mental que leva a esse tipo de conceptualização. Nessa organização, a rede de integração conceptual expõe uma configuração simples, com apenas dois espaços de entrada, em que o *input 1* é composto por elementos que constituem o *frame* relativo ao animal e o *Input 2* é abarcado por itens que constituem o *frame* relativo à vulva. O formato dos objetos descritos nos *inputs* é o que constitui primordialmente as projeções seletivas. Isso significa que as características desses espaços conflitantes se aproximam em suas formas e são lançadas para o Espaço-Mescla, cuja informação nova ali contida é o que legitima a integração de dois domínios aparentemente distintos.

A nova significação, então, é alicerçada pela metáfora conceptual ORGÃO SEXUAL FEMININO SÃO ANIMAIS COM FORMATOS ARREDONDADOS E PELUDOS, que é o fator que viabiliza a projeção entre a vulva e o animal. Dessa forma, a metáfora encontra-se no espaço genérico, sendo este o que torna disponível toda a informação transitável dos outros espaços. Por intermédio dessa metáfora do pensamento é que sabemos que a informação trazida pelo domínio-fonte ANIMAIS COM FORMATOS ARREDONDADOS E PELUDOS é constituída de forma a incorporar as experiências relacionadas ao domínio-alvo ORGÃO SEXUAL FEMININO. O intento é falar sobre o órgão sexual feminino, que é o alvo. Porém, a expressão linguística utilizada para este fim é feita a partir do nome de um animal, como pode ser visto na **Fig. 1**.

As relações que se estabelecem entre os conceitos são cruciais para originar a mescla, que é comprimida a partir das seleções prévias das projeções entre os *Inputs*. A compreensão dessas relações é o que Fauconnier e Turner designaram por relação vital. Trata-se da “(...) união entre elementos e propriedades de contrapartes, de modo a possibilitar a compreensão numa escala humana, ou seja, de forma otimizada e imaginativa”. (OLIVEIRA, 2012, p. 25)

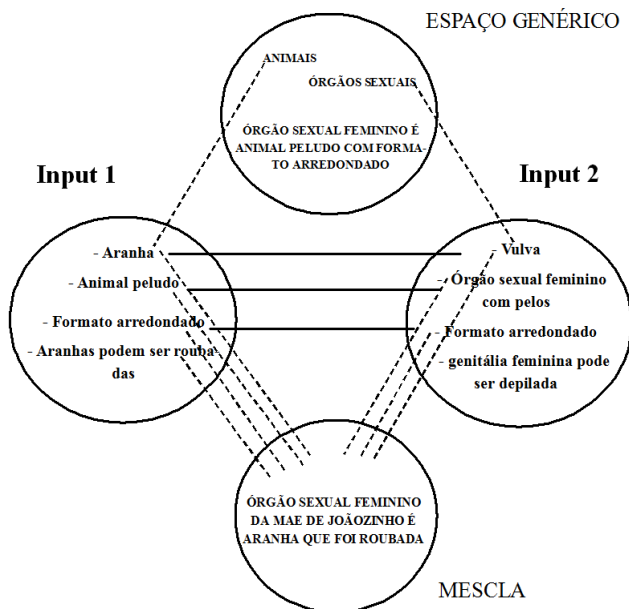


Fig. 1 – Rede de Integração Conceptual: Piada A.

Assim, as relações vitais que pudemos perceber na piada (A) foram:

- (a) *Representação* – A aranha como elemento que representa a vulva;
- (b) *Mudança* – Na percepção de Joãozinho, a aranha da mãe muda de posição em relação à aranha da professora;
- (c) *Identidade* – Joãozinho comprime as duas supostas aranhas como se ambas fossem o mesmo animal;

- (d) *Causa e efeito* – A depilação da mãe de Joãozinho e seu argumento de que ela fugiu fizeram com que achasse que a aranha da professora fosse a aranha de sua mãe;
- (e) *Propriedade* – Os pelos e a ausência deles como propriedades, respectivamente, da presença e da ausência da suposta ‘aranha’;
- (f) *Similaridade* – O formato e os pelos da vulva e da aranha como fatores semelhantes.

Passa-se, em seguida, à análise da segunda piada:

3.2. Piadas do Pau⁸⁶

Indícios de que Marta Suplicy foi um #pau em outras vidas:

– Ela diz: “Relaxa e goza”.

Embora seja muito concisa, a piada (B) demanda de um processo com muitas conexões entre os elementos que compõem os *Inputs*. A complexidade surge da necessidade de um entendimento de quem é Marta Suplicy, por exemplo, e em qual contexto a respectiva frase foi proferida. Sem esse conhecimento prévio, não haveria a compreensão da razão pela qual ela foi um "pau" em outras vidas. Consequentemente, a função dessa sentença para o desenvolvimento do humor estaria comprometida.

A frase foi declarada em 2007, após o lançamento de Plano Nacional do Turismo, quando ocorria uma crise nos aeroportos. Marta Suplicy, além de sexóloga por formação, na época, era ministra do Turismo e justificou a sua declaração com uma alusão ao prazer com o qual os consumidores usufruiriam dos aeroportos após o investimento de mais de R\$900 milhões na referida área.

Se observarmos a palavra “pau” fora de um contexto específico, não será difícil perceber que, isoladamente, ela pode remeter a inúmeras situações, sem necessariamente se referir ao órgão sexual masculino. Na piada em questão, esse acionamento ocorre no momento em que há a declaração "Relaxa e goza" em que o *frame* de órgão sexual masculino é requerido e a palavra "pau" passa a assumir o papel daquilo que desempenha a função dessa genitália.

⁸⁶ @piadasdopau 11 de out de 2009

Assim, nas mesmas especificações sobre domínio-fonte e domínio alvo da piada (A), a metáfora conceptual que ocupa uma posição considerável no Espaço Base e que, conseqüentemente, é o que deixa disponível a informação contida em toda a rede é **ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO SÃO OBJETOS ERETOS**. A configuração verticalizada parece se integrar ao órgão em questão. O falante se utiliza de formatos eretos (domínio-fonte) para designar o pênis (domínio-alvo).

Na figura 2, temos a rede de integração que representa esse processo de mesclagem e que é o que valida o entendimento de que, na piada (B), “pau” remete ao pênis. Em sua configuração, observa-se que o *Input 1* contém o *frame* relativo ao pau como material extraído da árvore, ao passo que o *Input 2* refere-se ao *frame* de órgão sexual masculino. As características concernentes ao formato ereto são projetadas para o Espaço-Mescla, cuja informação ali projetada viabiliza o entendimento da palavra pau em termos de pênis.

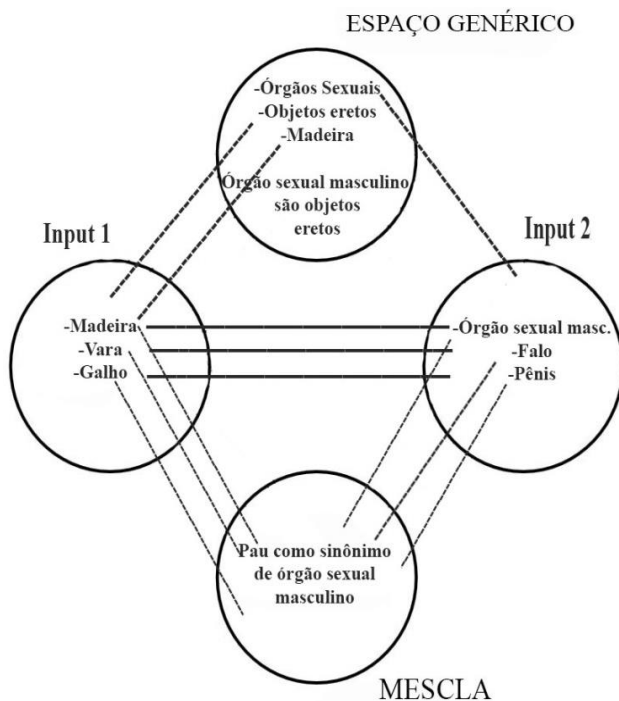


Fig. 2 – Rede de Integração Conceptual: Piada B

Como dito anteriormente, uma vez que a mescla se constitui e se armazena cognitivamente via MCI's ou *frames*, ela pode servir como *input* para outras redes de integração conceptual. Nesse caso, para o entendimento da piada (B), cujo contexto legitima o nome “pau” como designação ao pênis, ocorre um processo de interligação entre os espaços postulados na **Fig. 3**.

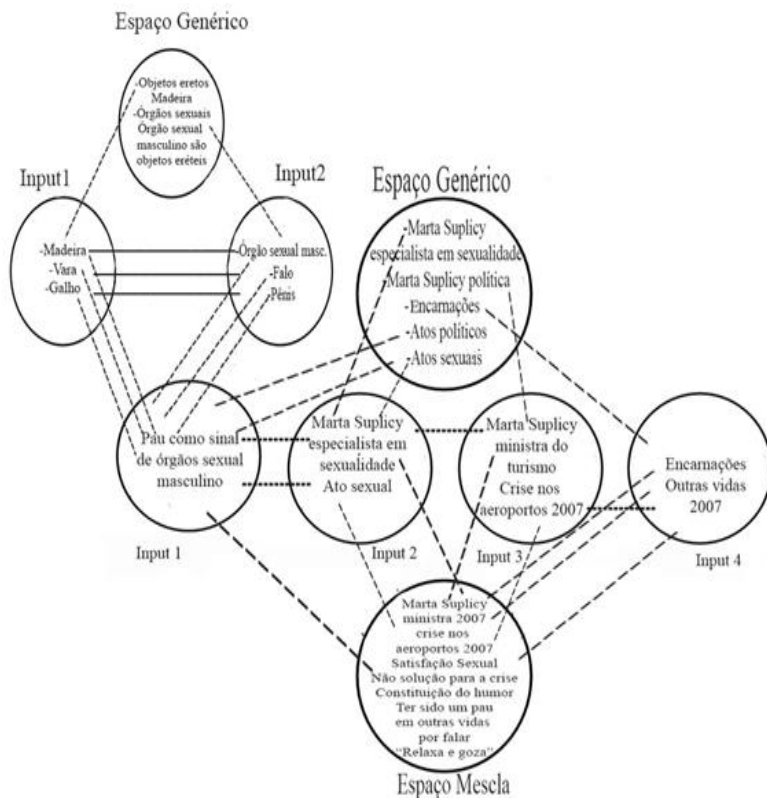


Fig. 3 – Rede de Integração Conceptual: Megablend Piada B

De acordo com a análise da piada, conclui-se que nela estão presentes as seguintes relações vitais:

- (a) *Representação* – o pau representa um pênis e também representa a ministra do turismo, Marta Suplicy;

- (b) *Papel valor* – Marta Suplicy na qualidade de Ministra do Turismo e Sexóloga por formação (o que a coloca na posição de um pau-pênis em outras vidas);
- (c) *Identidade* – o mesmo ente em encarnações diferentes (uma pessoa e um pau). Há aí uma alteração na identidade, embora se trate da mesma pessoa/entidade;
- (d) *Tempo* – a mesma pessoa/entidade, mas em tempos diferentes: Marta Suplicy no ano de 2007, encarnada em uma pessoa, ministra do Turismo e sexóloga por formação; e um pau, encarnado em outras vidas;
- (e) *Causa e efeito* – Marta diz para o povo “relaxa e goza” e, por isso, há indícios de que ela tenha sido um pau (pênis) em outras vidas.

Visto isso, concluímos que não há como fugir desse processo imaginativo na identificação e integração de conceitos com vistas à criação de novos significados. Todo o trajeto percorrido para instituir as projeções entre domínios se deve em grande parte à integração conceptual e à sua ampla aplicação em outros propósitos, dentre os quais se destacam as metáforas conceptuais ÓRGÃOS SEXUAIS SÃO OBJETOS e ÓRGÃOS SEXUAIS SÃO ANIMAIS, recuperadas em piadas para a criação do humor.

4. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo demonstrar brevemente o processo de mesclagem envolvido em piadas que se utilizam de uma nomenclatura popular dada aos órgãos sexuais, limitando-se às partes concernentes à vulva e ao pênis. Para sustentar a análise, recorreremos às teorias da Metáfora Conceptual e da Integração Conceptual (ou mesclagem) formuladas por Lakoff & Johnson (1980) e Fauconnier & Turner (2002), respectivamente.

O *corpus* foi composto por duas piadas selecionadas previamente via ferramenta Google que contivessem referências às partes genitais em questão, sem que houvesse a citação direta dos nomes a partir da terminologia técnica. Assim, foram analisadas as menções de “aranha” e “pau” como designações à vulva e ao pênis, respectivamente.

As metáforas conceptuais que estruturam as piadas analisadas foram, respectivamente, órgão sexual feminino É ANIMAL PELUDO COM

FORMATO ARREDONDADO e ORGÃO SEXUAL MASCULINO SÃO OBJETOS ERETOS, o que evidencia uma organização do pensamento e uma capacidade para conceptualizar um domínio específico em termos de outro domínio, sem que a compreensão daquele enunciado se comprometa.

Dessa forma, demonstraram-se as conexões estabelecidas entre os espaços mentais a partir de redes de integração conceptual, em que foi possível atestar o processo imaginativo que legitima a criação de novos significados. Os *Inputs*, ainda que estruturados por *frames* e MCIs distintos, propiciam o surgimento de uma estrutura emergente no espaço-mescla. As características novas e próprias imputadas na mescla não anulam aquelas que a precederam a partir das projeções. Antes, as informações precedentes encontram-se disponíveis a qualquer momento.

Nas palavras de Fauconnier e Turner, “mesclar não é algo que fazemos além de viver no mundo; é o nosso meio de vida no mundo. Viver no mundo humano é ‘viver na mescla’ ou ainda, viver em muitas mesclas coordenadas” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 390). Não há como fugir desse aspecto imaginativo distintivamente humano. As experiências pelas quais perpassam o corpo em suas atividades individuais e coletivas no âmbito social são viabilizadoras de um sistema conceptual criativo, cujas integrações se mostram de forma poderosa e complexa.

Uma vez criada, a mescla pode ser armazenada, modificada, pode servir de *input* para novas projeções e para o surgimento de novas redes de integração conceptual. Tudo isso faz parte de um processo mental dinâmico, poderoso e complexo, tal como se pretendeu demonstrar com esta análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSCARELLI, C. V. Entrevista: uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 5, n. 2, p. 291-303, 2005.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending. Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, L. V. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- JOHNSON, M. *The body in the mind. The bodily basis of meaning, Imagination and Reason*. University of Chicago Press, 1987.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, University of Chicago Press Ltd, 1980.

OLIVEIRA, Antônio Marcos Vieira de. *Ditos populares em músicas do cancioneiro popular: uma abordagem cognitiva*. Dissertação (de mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, 2012.